

PRECONCEITO E EXCLUSÃO: UM DIÁLOGO CULTURAL/SOCIAL

Jonathan Machado Domingues
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Jonathandomingues18@gmail.com
Bolsista UERJ

Resumo:

Este presente trabalho possui como objetivo tratar o preconceito racial, social e cultural no século XXI, no ambiente escolar. Instituição esta, que é possível encontrar de maneiras diretas e indiretas essas ações. Ademais, tem como proposta discutir maneiras, atividades a serem realizadas para a desconstrução deste preconceito, resultando mostrar a todos os discentes e docentes que todos os indivíduos são iguais. No qual, o estereótipo não possa ser usado como forma de definição social/cultural. De resto, para estruturação deste trabalho foram usados periódicos e livros. Ademais, o preconceito não nasce com o sujeito, mas, o sujeito acaba se tornando pelo âmbito social que se encontra. Portanto, caso houvesse uma formação continuada aos docentes, a função básica da educação seria cumprida com excelência. Que é socializar e integrar os indivíduos à sociedade.

Palavras-chave: Educação, Preconceito, Escola, Exclusão, Cultura.

Preconceito, uma palavra que acompanha ao estereótipo, no qual acaba resultando a exclusão. Como exemplo, ao que se refere o contexto social. Ademais, qual a diferenciação de preconceito à estereótipo? O preconceito mantém uma subordinação de supremacia de uma etnia a outra. Já o estereótipo, criado pelo estadunidense, Walter Lippmann, através da análise de BORGES, D'ADESKY e MEDEIROS (2002), são intolerâncias estagnadas de falas ou gestos.

Ademais, este material surge para trazer o diálogo, no que se refere ao âmbito escolar, onde será tratada a temática da cultura e da exclusão, numa perspectiva central antropológica, mas, não deixando consultar fontes filosóficas e sociológicas.

De acordo com AQUINO (1998, p.138): "A escola é o lugar não só de acolhimento das diferenças humanas e sócias encarnadas na diversidade de sua clientela, mas fundamentalmente o lugar a partir do qual se engendram novas diferenças. "Nesta citação é atingível afirmar e compreender o que é a escola. De resto, é a partir do processo de exclusão social escolar, que se inicia desde séries iniciais uma divisão. Como exemplificação é a probabilidade de um acesso ao ensino superior. Segundo BORDIEU (2005, p.41): "o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais." Continuando com o teórico (2005, p.41): "Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarente

vezes mais que um filho de operário, e... duas vezes superiores às de um jovem de classe média.”

Mas, no que se refere ao ambiente cultural/social, é essencial compreender que o sujeito acaba capturando elementos disponíveis nesses lugares, tais como: igreja, escola, teatro, etc, e irá utilizar em alguma fase de sua vida. Contudo, é possível afirmar, que a questão da herança cultural possui ligação indireta no que se refere ao âmbito familiar. Pois, haverá ligação direta, justamente no que se refere aos elementos capturados nas instituições sociais, acabando construindo o simbólico. De acordo com BORDIEU (2005, p.41-42): “cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que direta, um certo capital cultural e um certo ethos sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, ..., é a instituição escolar.”

Escola, a eternidade e a naturalidade desta instituição é uma ficção. Ao levarmos à infância, notaremos que é uma instituição social, fruto de uma classe e de um Estado Nacional. Notemos em pleno século XXI, a imagem que é representada/apresentada do negro aos estudantes (principalmente das séries iniciais). Com esta amostra, mostra que a finalidade do negro era simplesmente de um escravo que acaba trazendo a inferiorização da raça. (FIGURA 1)

FIGURA 1

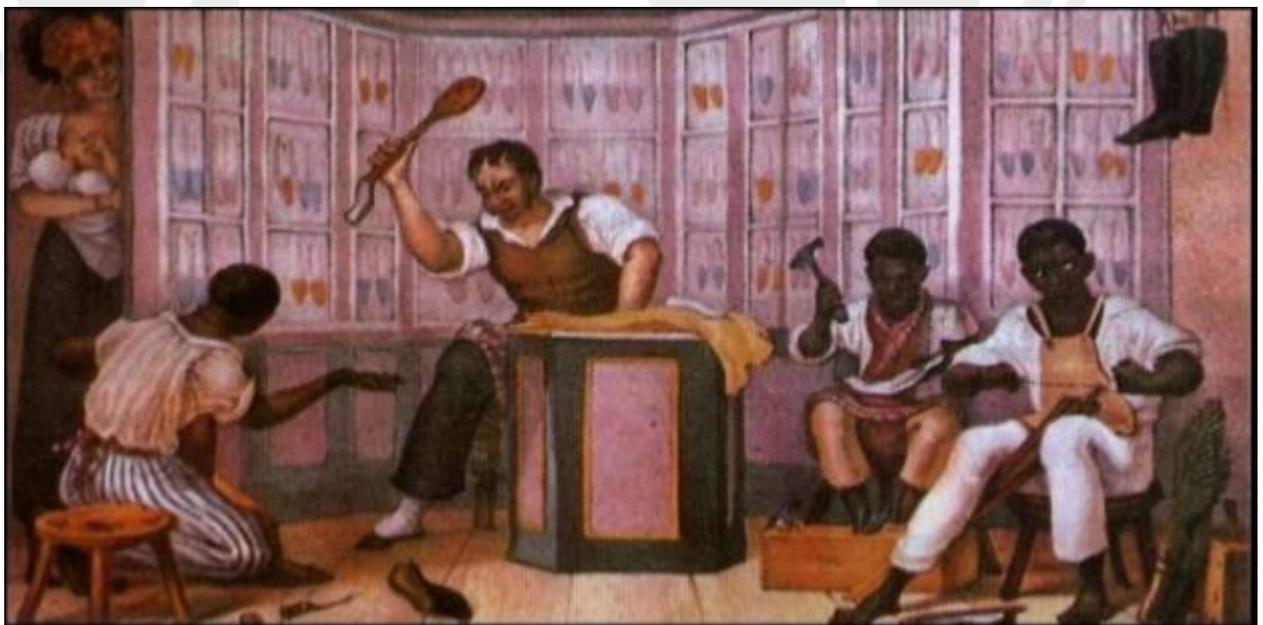


Foto bastante encontrada nos livros didáticos¹

¹ Disponível em: <https://pt.slideshare.net/nogcaritas/projeto-prola-negra> acessado às 05h00min

No lugar dos docentes realizarem atividades que acabassem resultando debates e com isto trazer uma nova concepção, acabam ignorando uma história que ao mesmo tempo é de sofrimento, mas, possui um lado de importância, de resistência, acaba não havendo interesse das partes desses profissionais para uma nova construção, idealização da imagem do negro. Uma das atividades que poderia ser realizada é através da música ligando a ludicidade. Podendo citar a música de Jorge Ben Jor: “Zumbi”, que poderia haver grandes e importantes discursos:

Angola Congo Benguela
Monjolo Cabinda Mina
Quiloa Rebolo
Aqui onde estão os homens
Há um grande leilão
Dizem que nele há
Uma princesa à venda
Que veio junto com seus súditos
Acorrentados em carros de boi (Id)

Ou quem sabe a utilização do samba do carnaval de 2018, do Paraíso do Tuiuti (2018), que caiu na boca do povo, que acaba tratando as desigualdades sociais e até mesmo a escravidão. (FIGURA 2)

Irmão de olho claro ou da Guiné
Qual será o seu valor? Pobre artigo de mercado
Senhor, eu não tenho a sua fé, e nem tenho a sua cor
Tenho sangue avermelhado
O mesmo que escorre da ferida
Mostra que a vida se lamenta por nós dois
Mas falta em seu peito um coração
Ao me dar a escravidão e um prato de feijão com arroz

Eu fui mandiga, cambinda, haussá
Fui um Rei Egbá preso na corrente
Sofri nos braços de um capataz
Morri nos canaviais onde se plantava gente (Id)

Segundo JESEN (2001, p.2), ao que se refere as tradições africanas, afirma que:

Entre as tradições religiosas africanas que exerceram influência nas religiões afro-brasileiras, o culto aos Orixás e Voduns foram de capital importância. Orixás e Voduns são divindades dos grupos da Nigéria e Benin que falam Yorubá e Jeje. Na África cada divindade preside um aspecto da natureza e uma família em particular. No Brasil, como a escravidão dividiu as famílias, eles se tornaram protetores dos indivíduos. O ponto central das religiões afro desenvolvidas no Brasil eram as festas para os Orixás e Voduns, que envolviam possessões de divindades e sacrifícios de animais. As religiões afro-brasileiras constituem um fenômeno relativamente recente na história religiosa do Brasil. Por exemplo o primeiro terreiro de Candomblé, que é localizado no nordeste, mais precisamente na Bahia, é geralmente situado no ano de 1830. Estas novas religiões apareceram primeiro na periferia urbana brasileira, onde os escravos tinham maior liberdade de movimento e era capazes de se organizar em nações. Daí eles se espalharam por todo o país, e tomaram diversos nomes como Catimbó, Tambor de Minas, Xangó, Candomblé, Macumba e

Batuques. O Candomblé, a mais tradicional e africana dessas religiões, se originou no Nordeste. Nasceu na Bahia e desde longa data tem sido sinônimo de tradições religiosas afro-brasileiras em geral. Desde o começo os pais-de-santos² buscavam re-africanizar a religião. Isto foi possível em parte, porque a rota dos navios entre Nigéria e Bahia, conservou viva a conexão com a África. Isso continuou mesmo depois da abolição da escravidão em 1888. Escravos libertos que puderam viajar para áreas dos Yorubás foram iniciados no culto dos Orixás e então, ao retornar ao Brasil, puderam fundar terreiros a revitalizar a prática religiosa. (Id)

FIGURA 2



Foto da comissão de frente 2018- Paraíso do Tuiuti²

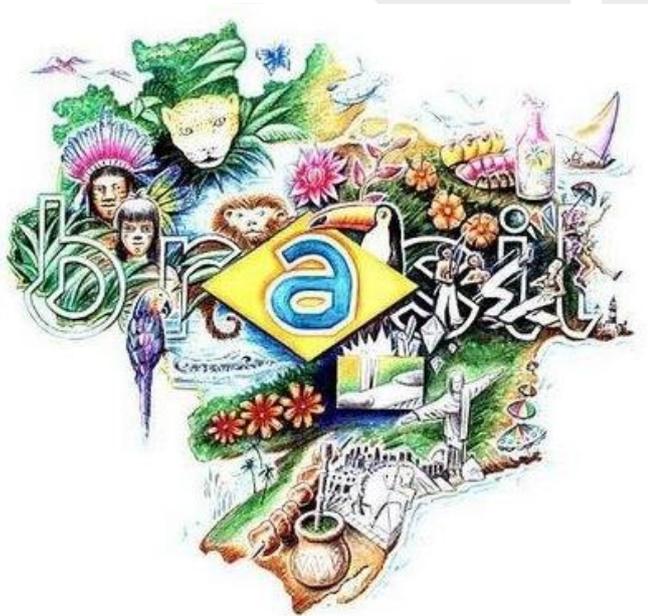
Esta temática que foi citada acima, a respeito das tradições africanas pode ser trabalhada nos ambiente escolar ao que se refere aos temas transversais. Caso houvesse uma formação continuada aos docentes, aprimoramento da qualificação juntamente para haver troca de experiências, a função básica da educação seria cumprida com excelência. Que é socializar e integrar os indivíduos à sociedade. Ademais, quando possui a referência ao Brasil, para os estrangeiros "parece" não haver nenhum e qualquer tipo de preconceito, pelo campo plural cultural que é está nação. Porém, haveria uma constante tranquilidade se não houvesse a exaltação do homem branco e a inferioridade do negro. De acordo com CAVALLEIRO (2001, p.33): " A necessidade de reescrever a História nas diversas áreas do conhecimento é de extrema importância, principalmente para desmentir o mito de que o Brasil, por ser um país de grande miscigenação, não tem problemas raciais."

² Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1427259170716596&set=a.395298790579311.1073741852.100002975790089&type=3&theater> acessado em 26 de fevereiro de 2018 à 05h05min

Portanto, a cultura se encontra em todos os lugares. Desde Leblon até a Rocinha. Da Igreja ao Terreiro. Do Branco ao Negro. Todos possuem uma identidade. Todos possuem uma cultura. Na perspectiva do autor, o termo, “alta cultura”, acaba provocando para as demais classes sociais uma inferiorização. Pois, a maioria dos grandes eventos desta “classe”, acaba possuindo um valor de entrada elevado, para existir a separação de classes sociais. De resto, a cultura alcança todos os níveis sociais. Enquanto existir “padrões”, acabara existindo inferiorização de classes opostas. Porque se fala tanto da história grega e romana, e tão pouco da História da África? Na lei 11.645/08, acaba havendo a existência do ensino da História da África obrigatória no currículo escolar. Que possa haver empenho dos docentes a respeito deste continente tão rico e belo. É necessário compreender que todos são iguais, todos são seres sociais, que todos necessitam do conhecimento, da sabedoria. Deixando em registro, que a continuação desta pesquisa será com entrevista aos professores tento como problematização se houve mudança no ponto de vista de cada docente participante com o surgimento da legislação. Assim sendo, concluiu-se que é lastimável haver preconceito numa porcentagem altíssima no solo brasileiro. Brasil não é singular mais sim, plural. Como diz um slogan do Governo Federal: “Brasil, país de todos.” (FIGURA 3)

FIGURA 3



Cultura de cada estado do Brasil³

³ Disponível em: <http://brmulticulti.blogspot.com.br/> acessado em 26 de fevereiro de 2018 às 05h11min

Referências Bibliográficas

AQUINO, J.G. (1998). Ética na escola: a diferença que faz diferença; Em J. G. Aquino (Coord). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. SP. Summus.

BORGES, Edson. D'ADESKY, Jacques, MEDEIROS, Carlos Alberto. **Racismo, preconceito e intolerância**. SP: Atual, 2002.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-Racismo na educação: Repensando nossa Escola**. SP: Selo Negro, 2001.

JESSEN, Tina Gudrun. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: **Da desafricanização para a reafricanização**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 2, 2001. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/p_jensen.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

ORTIZ, Gisele. Só não exenga quem não quer: Racismo e preconceito na Educação Infantil. **Revista Avisalá**, nº 23, nov. 2005.